

CERBINO, Beatriz. Jaques Corseuil e a construção de um pensamento em dança. Niterói: Universidade Federal Fluminense; Professora Adjunta I.¹

RESUMO

Em textos publicados em periódicos como *Ilustração Brasileira*, *Brasil Musical*, *Rio* e *Correio da Manhã*, na primeira metade do século XX, o jornalista e crítico de dança Jaques Corseuil construiu não só um pensamento legitimador da dança, como também afirmou a necessidade de elaborar uma identidade nacional por meio do balé. Na pesquisa desenvolvida sobre Corseuil, seus textos foram divididos em três tipos: matérias, críticas e perfis de bailarinos. Essa tipologia permite entender como o crítico construiu sua carreira e as diferentes frentes de diálogo que estabeleceu com seu público leitor. Essa comunicação objetiva, a partir de referenciais teóricos da história cultural, apresentar uma reflexão acerca da produção crítica de Corseuil e como sua percepção acerca da dança cênica contribuiu para a discussão do que então se chamava bailado nacional.

Palavras-chave: Jaques Corseuil. Crítica de Dança. Bailado Nacional.

ABSTRACT

In texts published in periodics such as *Ilustração Brasileira*, *Rio*, *Brasil Musical* and *Correio da Manhã*, on the first half of the twentieth century, journalist and dance critic Jaques Corseuil not only built a legitimizing thought of dance as also stated the need to develop a national identity through the ballet. In a current research conducted about Corseuil, his texts were divided into three types: texts, reviews and profiles of dancers. This typology helps to understand how the critic has built his career and the different aspects of the dialogue he established with his readers. This communication aims, through the theoretical framework of cultural history, to present a critical reflection on the production of Corseuil and how his perception about the dance stage contributed to the discussion of what was then called national ballet.

Keywords: Jaques Corseuil. Dance Review. National Ballet.

Para começar

Inácio Corseuil Filho (1913-2000), ou Jaques Corseuil, nome artístico que adotou a partir de 1940 e com o qual se tornou conhecido, foi um dos mais importantes e ativos críticos de dança do país durante as décadas de 1940 e 1950. Com uma extensa produção em jornais e revistas, expôs de maneira clara um pensamento legitimador sobre a dança apresentada nos palcos do Rio de Janeiro.

Havia na imprensa carioca, nesse período, críticos que, além de escrever sobre artes plásticas, música e teatro também produziam textos sobre dança: Antonio

¹ Este texto vincula-se à pesquisa do CNPq *Anatomia de um pensamento: os escritos de Jaques Corseuil*. A elaboração deste texto contou com a participação de Igor Nunes Machado, bolsista PIBIC, do curso de graduação de Produção Cultural/UFF.

Bento, do *Diário Carioca*; Mário Nunes, do *Jornal do Brasil*; João Itiberê da Cunha e Eurico Nogueira França, do *Correio da Manhã*; D'Or, do *Diário de Notícias*; e Ruben Navarra, do jornal *A Manhã*, entre outros. Presença que atesta o espaço ocupado pelas artes em veículos de grande importância no cenário político e cultural da cidade e do país.

É nesse contexto que a atuação de Jaques Corseuil, um dos primeiros críticos especializados no assunto, deve ser compreendida. Seus textos mesclavam um sólido conhecimento de dança — questões técnicas e estéticas referentes aos parâmetros artísticos da época — com uma preocupação constante em afirmar a necessidade de haver mais investimentos na área. Preocupava-se não apenas com a qualidade das produções nacionais e dos profissionais aqui formados, mas também com a possibilidade de a dança cênica ser usada como meio para educar o gosto popular para o que considerava belo a fim de apreciar a arte brasileira.

Ao longo de 23 anos, Corseuil colaborou com diversas revistas, como *Brasil Musical*, *A Cena Muda*, *Ilustração Brasileira* etc., além dos jornais *Correio da Manhã* e *O Globo*. Também manteve até a década de 1970 uma coluna na revista *Dance News*, com notícias e fatos da dança produzida no Rio de Janeiro e São Paulo.

O espaço conquistado por Corseuil na imprensa é um importante indício do crescente interesse pelo tema, de uma preocupação com a formação de um público para a dança no país e também com a construção de uma memória da dança que aqui se fazia e era apresentada, processos nos quais a sua participação foi fundamental.

Impressões da dança – corpo e memória

A produção de Corseuil pode ser elencada em três tipos distintos: críticas, matérias e perfis. É importante observar como, para ele, a dança era o ponto de partida e chegada de sua observação e produção textual. O desempenho dos bailarinos e a coreografia não estavam a serviço da partitura musical ou da cenografia, como acontecia nos textos dos demais críticos; para ele, era a dança que determinava sua perspectiva crítica.

Um interessante percurso para se pensar os escritos de Jaques Corseuil é partir dos estudos sobre memória, percebendo como o passado é experimentado no presente e, com isso, como seus textos são importantes registros e fontes para o entendimento da dança que se fazia, e que se faz, no Rio de Janeiro. Ao explicitar suas escolhas, Corseuil estabeleceu o que deveria ser lembrado, reafirmando com isso seu projeto de dança a ser desenvolvido no Brasil.

A fim de entender tais questões e como se articulam com a percepção de memória, é fundamental perceber que o passado não se esgota, mas encontra formas de permanência em diferentes significações e elaborações. Longe de fixa e imutável, a memória está em constante estado de mudança, aberta a

usos e manipulações que a transformam ao longo do tempo, formulando novas perspectivas do passado.

Pierre Nora (1993), ao elaborar seu conceito sobre lugares de memória, apresenta possibilidades de se pensar os escritos de Corseuil. Lugares de construção de uma identidade que se faz por meio de vestígios deixados por algo que já não é mais. No seu entender, a necessidade de criar espaços e símbolos, fabricar monumentos e coisas, instituir comemorações e datas se deu porque a capacidade de lembrar passou a ocorrer fora da experiência vivida, o que provocou a ritualização da memória.

Segundo Nora, os lugares de memória são de três tipos: materiais, nos quais a memória social se ancora, podendo ser apreendida pelos sentidos; funcionais, quando possuem a função de alicerçar memórias coletivas; e simbólicos, em que essa memória coletiva é revelada. Esses tipos não são excludentes, mas coexistem no tempo, mantendo ativos laços de pertencimento e, com isso, vínculos de identidade.

Nesse sentido, é possível entender os textos produzidos por Corseuil como lugares de memória, a partir dos quais a própria ideia de uma dança brasileira, daquele momento, 1940 e 1950, que ele tanto buscou e contribuiu para a formatação, pode ser percebida.

Entre os vários periódicos para os quais escreveu, destacam-se as revistas *Ilustração Brasileira* e *A Cena Muda* e o jornal *Correio da Manhã*, não apenas pelo volume e tempo de colaboração, mas também pelas ideias ali apresentadas. Para cada um desses veículos publicou diferentes colunas e tipos de texto. É preciso ressaltar que um não excluía o outro, isto é, Corseuil escreveu simultaneamente para veículos distintos, o que possibilitou alcançar uma porção mais ampla do público. Uma estratégia que se mostrou bastante proveitosa, pois pôde atuar em diversas frentes, não apenas apresentando os bailarinos e seus repertórios, mas também, e principalmente, defendendo a implementação de uma política pública para o setor.

Corseuil começou a escrever no *Correio da Manhã* em dezembro de 1941, mantendo essa parceria por vinte anos. Nesse jornal, teve, em diferentes períodos, dois tipos distintos de coluna: um dedicado a notícias variadas do mundo da dança e do balé, e um outro em que apresentava as personalidades desse universo. Nessa última, teve a preocupação de narrar com detalhes as carreiras dos bailarinos apresentados, sem deixar de lado, contudo, sua veia crítica ao fazer pequenos comentários sobre a situação do balé no Rio de Janeiro e no Brasil. Nomes como Tamara Toumanova, Maryla Gremo, Tatiana Leskova, Nina Verchinina e Vaslav Veltchek, foram alguns dos seus entrevistados.

Ao apresentar o perfil e a carreira desses profissionais, Corseuil estabeleceu um importante espaço de afirmação da própria dança, criando ao mesmo tempo um lugar de memória. Ao tornar acessíveis informações sobre esses profissionais, construiu um espaço de articulação do universo do balé com seu

público, não só pela apresentação dos bailarinos, como também das obras por eles interpretadas.

A partir de setembro de 1958, sua coluna de notícias variadas deixou de se chamar apenas “Ballet”, como ocorria desde 1954, passando a ser “Dança e Ballet”. O que é um importante indicativo de como Corseuil percebia o universo ao qual se dedicava a estudar desde 1938: por um lado, a dança não se restringia apenas à técnica do balé, por isso a ampliação do título, por outro, pode indicar que para ele o balé era mais importante, merecendo uma distinção do assunto geral.

Em sua coluna de 25 de julho de 1954, ao lado de outras notícias ligeiras sobre a dança no mundo, fez uma calorosa defesa da permanência da bailarina e coreógrafa Nina Verchinina no Brasil, apontando a falta de interesse político em realizar investimentos na área. Havia uma grande preocupação com o estado dessa arte no Brasil que, em sua opinião, enfrentava problemas na qualidade de sua produção pela pouca atenção e escasso apoio financeiro que recebia dos órgãos públicos. Para ele, o balé continuava a ser meramente burocrático, “sustentado quase que exclusivamente para divertir os banquetes e festas oficiais” (CORSEUIL, 1954).

As palavras de Corseuil são um interessante indício de como o balé sofria com a falta de investimentos. Percebe-se em sua escrita um permanente cuidado com a formação do bailarino brasileiro que, segundo ele, deveria se espelhar no exemplo do profissional estrangeiro a fim de adquirir técnica e qualidade artística.

Na revista *Ilustração Brasileira*, escreveu durante 15 anos, de 1942 a 1957, e nesse período publicou críticas de temporadas, de companhias nacionais e estrangeiras, e perfis de bailarinos. Observador atento das mudanças pelas quais a dança cênica passava no mundo e no Rio de Janeiro, Corseuil não se limitou a reproduzir notícias variadas, mas estabeleceu uma relação entre a dança feita no Brasil e pelas companhias estrangeiras, comparando coreografia, desempenho dos artistas, produção de figurinos e cenários.

Na segunda passagem do Original Ballet Russe no Rio de Janeiro, em julho de 1944, sua crítica ressalta a natureza “útil” da temporada no sentido de educar o gosto do público para a dança, ao apresentar obras seminais como *Les sylphides*. Interessante perceber seu olhar para o repertório mostrado pela companhia, tido por alguns como um “museu”, por demais conservador. Para ele, no entanto, esta era uma das maiores qualidades do grupo: “museu de fato, mas museu vivo, do gesto, do movimento, academia ambulante da dança clássica, conservatório do ballet. E sob o ponto de vista de dança esse repertório tem um valor documentário, dando-nos as origens do ballet atual”. É nítido o entendimento do crítico em relação à importância desse tipo de repertório e como este pode ser tomado como um espaço de permanência, de memória.

Outra importante revista com a qual colaborou foi *A Cena Muda*, em que escreveu de 1944 a 1952. Mais uma vez, intercalou matérias com perfis de

bailarinos, sendo esses sua principal produção. Com o título de “Falando de dança com...”, Corseuil entrevistou vários profissionais, nacionais e estrangeiros, e invariavelmente começava com a pergunta “como se fez dançarina(o)?”. Seguia-se então uma série de perguntas sobre a carreira do profissional em questão, como as melhores e piores recordações, os melhores papéis, qual gênero preferido etc. A coluna não continha opiniões do crítico sobre seus entrevistados, funcionava como um espaço de perguntas e respostas, um questionário. Trata-se, mais uma vez, de utilizar o espaço da mídia para a apresentação desses artistas ao grande público, em uma tentativa de popularizar o balé e seus profissionais, oferecendo informações ao mesmo tempo em que buscava educar o leitor sobre esse universo.

Para encerrar

Dois aspectos chamam atenção na produção de Jaques Corseuil nos veículos aqui elencados: a recorrente apresentação dos profissionais da dança, chegando a entrevistar o mesmo bailarino nos diferentes periódicos para os quais escreveu, e o uso de sua coluna para defesa de seus ideais em relação ao balé nacional.

Durante os anos em que trabalhou nesses diferentes periódicos, Corseuil construiu uma extensa rede de sociabilidade, o que possibilitou seu acesso a dados e informações que dividiu com seus leitores. Mais ainda, permitiu conhecer o universo da dança profundamente, o que poucos críticos no Brasil conquistaram na época.

Ao escrever para veículos de grande circulação, alcançando assim um amplo e variado público, Corseuil buscou ao máximo que podia, disseminar informações que, naquele período, não circulavam tão facilmente. Dados sobre as obras, repertório das companhias e mesmo detalhes pessoais dos bailarinos eram recorrentes em seus textos. Suas críticas também possuíam um alto grau de informação, a fim de estabelecer com seu leitor um diálogo e assim funcionar como um intermediador entre obra e espectador.

Ao usar seu espaço na mídia, tanto nos jornais quanto nas revistas, Jaques Corseuil buscava não só apresentar os profissionais da dança, mas acima de tudo tornar a dança, em especial o balé, conhecido e apreciado. Um objetivo que resultou na elaboração de um importante acervo para a dança, que pode ser entendida como um lugar de memória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CERBINO, Beatriz. **Críticas de dança:** considerações preliminares, aproximações possíveis. In: NORA, Sigrid (org.). *Temas para a dança brasileira*. São Paulo: Edições SESC SP, pp. 19-40, 2010.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia:** a história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CORSEUIL, Jaques. **Por que Verchinina não fica no Rio?** In: *Correio da Manhã*, 25 de julho de 1954.

_____. A temporada nacional de bailados. In: *Ilustração Brasileira*, outubro de 1946, pp. 24, 25 e 40. 1946.

_____. Dois artistas do ballet. In: *Ilustração Brasileira*, julho, pp. 10-11, 1946.

_____. A temporada do ballet russo. In: *Ilustração Brasileira*, julho, p. 40, 1944

MAUAD, Ana Maria (2008). *Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografias*. Niterói: EdUFF.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: *Projeto História – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP*. nº. 10, 1993.

PEREIRA, Roberto. **A formação do balé brasileiro**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.